

# Um paraíso nacional

Os registros do Fundo Novacap demonstram que Brasília, colocada no altar da propaganda oficial como o Eldorado brasileiro, acabou entrando no imaginário popular como uma espécie de santuário da salvação nacional. A migração que antecedeu à inauguração da nova capital gerou miséria e, ato contínuo, violência. Tanto que, em outubro de 1957, um informe interno da Divisão de Segurança da Novacap alertava: "Ao que consta, ultimamente tem se deslocado para a futura Capital da República verdadeira onda de forasteiros, temendo-se que venha aquela localidade tornar-se um antro de assassinos e gatu-nos, visto a polícia de Goiás não intervir no caso".

Em 22 de julho de 1958, em ofício enviado ao presidente da Novacap, o presidente da Assembleia Legislativa de Goiás, Wilson Brandão, reclama oficialmente contra a política de impedimento

de livre acesso a Brasília, então levada a cabo na tentativa de se controlar a massa humana que chegava ao Planalto Central. O policiamento era feito pela temida Guarda Especial de Brasília (GEB), que tratava o problema da criminalidade com extrema violência, nunca dando uma segunda chance para os arruaceiros — na segunda confusão, o cidadão era, simplesmente, expulso da cidade. "No meu modo de pensar, o bom êxito do serviço de repressão a criminosos depende de ação enérgica, e é este o sistema que tenho aplicado", informou, em dezembro de 1957, o coronel Antônio Muzzi Alves Pinto, chefe da Divisão de Segurança Pública da Novacap.

Ao deputado goiano, respondeu Israel Pinheiro: "Tal medida (colo-

cação de barreiras na entrada da cidade que se formava) foi tomada em virtude da entrada desordenada de trabalhadores em Brasília, ocasionando gravíssimos problemas de excesso de mão-de-obra e falta de alojamentos. Estamos procurando solucionar o problema com a construção de três cidades-satélites".

## BRIGA E MORTE

No dia 8 de fevereiro de 1959, as piores previsões de Israel Pinheiro se cumpriram. Sob o pretexto de acabar com uma briga, a GEB entrou nos alojamentos da construtora Pacheco

Fernandes Dantas e, no meio da noite, matou um trabalhador e feriu outros três. Essa é a versão oficial. O principal líder operário da construção, Heitor Silva, escreveu ao ministro da Justiça, Cyrillo Júnior, contestando a informação: teriam morrido pelo menos nove trabalhadores, e outras dezenas haviam

sido feridos enquanto dormiam.

No dia 21 de fevereiro de 1959, Israel Pinheiro enviou ao ministro as informações a ele passadas pelo coronel Osmar Soares Dutra, chefe do Departamento de Segurança Pública de Brasília. Segundo o coronel, o chamado *Massacre da GEB* foi uma armação montada a soldo de Moscou. Escreveu o coronel: "O indivíduo Heitor Silva é um agitador comunista fichado que se intitula presidente do Sindicato de Operários de Brasília e da Associação de Operários de Brasília, ambos sem existência legal. O telegrama do agitador comunista não merece nenhuma consideração e não pode anular as declarações já feitas por esta Chefia". E ponto final. (LF)

"TAL MEDIDA  
(COLOCAÇÃO DE  
BARREIRAS NA  
FRONTEIRA) FOI TOMADA  
EM VIRTUDE DA ENTRADA  
DESORDENADA DE  
TRABALHADORES EM  
BRASÍLIA"

Israel Pinheiro, em 1958

## Exigência militar e ameaça religiosa

Uma correspondência datada de 2 de maio de 1960 trazia um pedido surpreendente. O general-brigadeiro A.C. Welling, da Comissão de Engenharia do Exército dos Estados Unidos, pedia que a Novacap lhe encaminhasse os desenhos das ruas e rodovias de Brasília, e ainda uma cópia do planejamento de transporte da nova capital. Não há registro de qual teria sido a atitude de Israel Pinheiro a respeito do pedido.

Entre as cartas, uma se destaca pela pretensão. Em carta datada de 30 de julho de 1957, o padre Tiago Leijen, de Formosa (GO), ameaçou contar a seu rebanho que JK era mentiroso. O padre afirmou ter recebido a promessa de envio de três mil sacos de cimento, dez toneladas de ferro e dois caminhões de tábuas para construir uma igreja.

Como o material não saía nunca, e o padre se sentiu pressionado pe-

los fiéis, ele escreveu ao presidente: "Não gosto de dizer que o Presidente não cumpriu o prometido, pois diminuiria 90% de seu (do povo) entusiasmo pelo Presidente mundancista. No entanto, não havendo outra solução, não me resta a não ser (-sic) falar a verdade". JK não caiu no conto do vigário. Mandou disponibilizar uma tonelada de ferro e cem sacos de cimento para Formosa. Sem direito a transporte. (LF)